

## BILAC E OS TENENTES

Rubem Braga

1232

Annuncia-se que os intelectuais que ergueram faixas com vivas à liberdade de frente ao Hotel Glória se-  
ão denunciados em um IPM.

Não consigo me convencer de que o Governo esteja realmente disposto a essa revanche contra manifestantes pacíficos que não praticaram ato algum que possa ser considerado crime em nenhum país democrático. Que o Governo pode fazer isso, não há dúvida. Hoje, para o Governo, tudo é «legal» — e o que não é «legal», nem mesmo de acordo com os Atos Institucionais, também se faz tranquilamente, como é o caso da, atual detenção desses mesmos intelectuais, com a agravante de incomunicabilidade.

Será que não existe nas altas rodas do Governo uma pessoa com um pouco de superioridade espiritual, de serenidade, de bom-senso, para explicar que um Inquérito Policial Militar não é a maneira mais indicada de reagir contra um gesto platonico e inofensivo de um pequeno grupo de intelectuais? Afinal de contas, o Chefe da Casa Civil é um escritor, um biógrafo de Machado de Assis, de Rui Barbosa, de Rio Branco; não se sentirá ele aflito diante dessa monstruosa tolice que se prepara?

O próprio presidente da República, embora não seja um escritor, é considerado homem de boa leitura, que ama o convívio espiritual dos escritores. Dizem-me que tem, desde a adolescência, uma grande admiração por Olavo Bilac, o bom, o querido velho Bilac de quem este ano se comemora o aniversário de nascimento. Talvez, saiba, assim, que, ao se sentir ameaçado de prisão no Rio por um chefe militar, o nosso bom poeta partiu para as livres montanhas de Minas, onde foi respirar o ar da liberdade.

Ah, se o fizesse hoje! As notícias que descem de lá são estranhas: o comandante da Infantaria Divisionária da 4ª Região Militar denunciou à Auditoria Militar de Juiz de Fora por atividades subversivas cerca de 40 professores da Universidade. Sei apenas o nome de alguns deles: Edgard da Mata Machado, velho jornalista e líder católico do Estado; o machadiano e culto Eduardo Frieiro, catedrático de Literatura Espanhola, ganhador do «Prêmio Machado de Assis» da Academia Brasileira de Letras; Fábio Lucas (de quem agora mesmo recebo um excelente e tranqüilo livrinho de crítica literária), especialista em renda nacional, ensaísta literário; o padre Oliveira Vilela, vice-reitor da Universidade Católica...

Não é crível! O marechal Castelo Branco viveu em Minas, ligou-se a uma família mineira, conhece pelo menos de nome e de leituras alguns desses nomes, sabe tão bem quanto eu que é absurdo, inconcebível, profundamente tolo pretender que algum desses professores seja subversivo.

E esses homens serão julgados por aquele major e aqueles dois tenentes da Auditoria do Conselho Especial da Justiça Militar de Juiz de Fora, tenentes que impõem a um padre ou a um líder sindical sentenças superiores em anos à própria idade deles, tenentes!

Não, Bilac não poderia mais fugir para Minas; o terrorismo cultural, tão negado oficialmente e tão escandalosamente praticado oficialmente, o colheria em suas redes.

Mas é melhor não falar mais em Bilac; pode acontecer que alguns daqueles cultos tenentes de Juiz de Fora que estão policiando a inteligência mineira o enquadre apressadamente em um IPM...

DN-21.11.65